
HOMEM, NÃO “NEGA FOGO”, VAI NEM QUE SEJA COM A OVELHA... NA PORTEIRA

Gilvânia Luna da Silva
UEPB
Gilvania280@hotmail.com
Eronides Câmara de Araújo
ero@oi.com.br

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como tema a prática sexual de homens com animais (zoofilia), discutindo-a como uma prática socialmente ilegítima pelos códigos sociais, mas de tradição cultural. Tem sido comum em conversas informais alguns homens narrarem sua iniciação sexual com animais. Essas experiências tanto são frequentes ao homem do campo como ao homem citadino¹. Neste texto estamos analisando tal prática a partir dos discursos de nossos entrevistados, onde faremos o aporte teórico da história oral de homens que residem no município de Alagoa Nova- Paraíba. Buscaremos através das falas dos nossos entrevistados, analisar como são elaboradas as identidades de homens que fizeram sexo com animais, discutindo as representações do estar masculino.

Esta pesquisa foi realizada através de entrevistas realizadas com seis homens no município de Alagoa Nova na faixa etária de 60 a 70 anos de idade. As referências teóricas utilizadas foram, Tomaz Tadeu da Silva (2000), que discute sobre identidade; Michel Foucault (1988), que discute sobre sexualidade e Albuquerque Júnior, que discute sobre masculinidade (1999), além da literatura que tem analisado o tema.

As falas dos entrevistados indicam que os ‘seus amigos’ ao praticar sexo ou iniciar sua sexualidade com animais são reconhecidos como “cabra macho”. O perfil da cabra macho é aquele que é dito [...] como forte, valente e corajoso, e não nega fogo nem que seja com uma burrinha castanha (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2006, p. 13).

2 HOMEM, NÃO “NEGA FOGO”, NEM QUE SEJA NA PORTEIRA

A prática sexual de homens com animais, a zoofilia, é uma experiência que tem representação social, ilegítima pelos códigos morais e sociais. Entretanto, no interior da

cultura masculina, é entendida como alternativa de atender ao seu instinto sexual. É um “Cabra macho”... que ao ‘ser negado’ pela sua mulher, procura se valer sexualmente, nem que seja de uma burra castanha, branca ou pretinha”, como destaca um dos nossos entrevistados: “Os trabalhadores lá do meu pai se valia da burra castanha que era pra carregar água, agave, mas os trabalhadores do meu pai se valia dela mesmo!”(José, 70 anos).

A discussão sobre a não aceitação de tal prática já vem sendo formulada desde o século XIX, onde os saberes científicos criaram códigos de postura, colocando a sexualidade humana dentro da prática heterossexual, tida como legítima, onde o homem e a mulher deveriam reproduzir vidas. O sexo por prazer só para reprodução. Praticar sexo com uma prostituta não era aceito socialmente, mas era tolerável. Mas com os animais era associado à selvageria e aos ‘extintos do homem’.

As formas não legítimas da sexualidade ou eram praticadas nas fronteiras da cidade, (prostituição) ou próximo à porteira, ao rio, ao curral (zoofilia). Locais quase esquecidos e pouco frequentados. De acordo com Foucault, estas práticas deveriam incomodar em lugares que não pudessem ser ditos ou vistos (FOUCAULT, 1988).

Se for preciso dar lugar às sexualidades, que vão incomodar noutra lugar que incomodem lá onde possam ser reinscritas, senão nos circuitos da produção, pelo menos no do lucro. O rendez-vous e a casa de saúde serão tais lugares de tolerância à prostituta, o cliente o rufião, o psiquiatra e sua histérica, estes outros vitorianos, diria Stephen Marcus, parecem ter feito passar de maneira subléptica o prazer a que não se alude para a ordem das coisas que se contam (p. 10).

Um dos nossos entrevistados abaixo apresenta representações sobre o homem que passa a realizar práticas sexuais com animais, justificando não ter sido preparado por alguns códigos de postura e cultura de nossa sociedade, na qual aponta a falta de preparação religiosa, de uma direção sexual voltada à prática heterossexual, pois a prática da zoofilia vai em desencontro com a natureza humana, com os códigos sociais e discursos de uma leitura biológica dos corpos até hoje construída e subjetivada em que o homem é um ser humano voltado a contribuir com a natureza humana, com a sua reprodução. Veja o que define o entrevistado:

Mas, a quem é esses homens? Esses homens que a gente ver pelas características desse homem que eu conheço, que ele foi vivido mais com os

animais, e hoje é lá, lá de fora! E veio e veio com esse instinto! E cada um não está livre não! Só basta ter contato! Por isso que a gente recomenda, nós, pais de família, saber com quem os filhos estão. É muita responsabilidade pra um pai de família, porque se os filhos as vezes não é nem culpado e ser ensinado de uma coisa dessa: Isso às vezes é aproximação! É essa aproximação que eu acredito com um velho de sessenta e um anos, que isso não é nada mais, é o sexo, o sexo sem controle, sexo sem mentalidade, às vezes pode ser por religiosamente, gente que não tem uma direção religiosa, que esquece que aquilo é pecado, é errado, é feio, é contra os planos divinos! (Inácio, 61 anos).

Os códigos para aceitação sexual da sociedade burguesa foram desenvolvidos na era Vitoriana século XIX, em que os discursos médicos alimentavam práticas sexuais tidas como corretas e legítimas entre homens e mulheres, trazendo uma conotação ao papel do homem na sociedade provedora da razão e a mulher da emoção e conseqüentemente para maternidade. O lugar do homem era o público, o lugar da razão, enquanto o da mulher, o privado, o do lar, o cuidar dos filhos, configurando uma identidade biológica. Conforme SILVA (2006):

Masculinidade e feminilidade, até certo ponto eram cultuados, ora mais para uns, ora mais para outros, no século XIX homens e mulheres deveriam restringir-se ao seu papel social de acordo com a sua identidade biológica, de macho e fêmea, e por conseguinte, sua escolha afetiva e sexual devia voltar-se para os sexos opostos ao seu (p. 12).

O lugar do homem, o seu comportamento não era vigiado como o da mulher. O homem por ser dotado da razão, do equilíbrio e ter um corpo 'imune' sexualmente à devassidão, as formas de vigilância não eram restringir à sexualidade. O controle maior da sexualidade masculina, dizia-se respeito à doenças venéreas, principalmente a sífilis para não prejudicar a higienização da espécie. A sexualidade masculina era considerada instintiva. Assim, o homem tem que agir diante a sua vontade, no momento em que deseja praticar sexo, sendo esta vontade física propulsora do uso da razão, do seu querer efetuar o ato sexual, mesmo que seja com objetos da natureza ou o 'bicho bruto'. Vejamos o que afirma o depoente:

Às vezes o homem procura uma menina, não tem chance, aí procura uma menina pra se valer, não tem chance, vai procurar outra coisa pra se valer. Tem gente que faz sexo em tronco de bananeira, em palha de bananeira, faz um buraco e faz sexo imaginando que é uma mulher. [...] Vai fazer qualquer coisa, ele faz em casa, material assim que tem um jeito, ele faz, pensando naquela pessoa, aí fica aliviado. O homem não tem como se valer, aí procura essas coisa! (Sebastião, 67 anos).

A sociedade moderna subjetivou a zoofilia como uma prática perversa, feia, imoral e ilegítima. No cotidiano, os homens burlam essa percepção não só na economia do discurso médico que defendia a favor da prática heterossexual, mas também no seu lugar social de pai de família, homem voltado à fecundar vidas e cuidar da família. Eles vão ao encontro de outro tipo de ‘afetos’, como por exemplo, com os animais. Mas, aqui demonstramos a existência de tais práticas quase indizíveis, mas que aqui fala através dos depoimentos dos entrevistados. Pois como já afirmara Roger (2006, p. 106), [...] “o indizível das sexualidades camponesas é o grande olho da representação social, sobre a sexualidade e a identidade sexual, da ordem do mesmo, não abarca”.

Ao se retratarem as práticas sexuais com animais, os homens entrevistados utilizam-se de muitas táticas para assim podê-las realizar, quando, por exemplo, afirmam ser o outro, o vizinho, o amigo quem as praticam. È sempre o outro, não aquele que fala. Estes homens utilizam de maneiras de fazer para alterar o cotidiano quando segundo eles, as mulheres não querem fazer sexo, a saída é se ‘valer do bicho bruto’:

Já falou, oxe, basta! Tem e já aconteceu (disse bem baixinho). Tem muito problema na vida. Aí o cara não tem uma mulher e quando procura assim... qualquer coisa, vai se valer dessas coisas mesmo! Vai se valer do bicho bruto! Sabe que é errado, mais gosta, aí faz! (José, 70 anos).

Tática, para CERTEAU (1994), está associada às formas de burlar no cotidiano pelo homem ordinário:

A tática só tem poder por lugar do outro [...] Ela não dispõe de base onde capitalizar os seus proveitos, preparar suas expansões e assegurar uma independência em face das circunstâncias. O próprio é uma vitória do lugar sobre o tempo. Ao contrário, pelo fato de seu não lugar, a tática depende do tempo, vigiando para captar no vôo possibilidades de ganho (p. 46).

Estas práticas sexuais tidas como ilegítimas na sociedade, ocorrem na clandestinidade, a sociedade faz por onde escondê-las, deixando escapar apenas rumores do tipo “eu ouvi dizer”. As mesmas acontecem nos entrelaçares dos dias quentes e frios,

à força da lua lá no curral, onde é o lugar apropriado para os animais perdurarem as noites até ao amanhecer. Mas aquele homem que vive a cuidar do rebanho, a tirar o leite da vaca, da cabra, se mistura afetivamente com esses seres nos momentos oportunos e se utilizam da ocasião para efetuarem o ato sexual e assim ‘se aliviarem’. Assim destaca:

Bom basta! O homem briga com a mulher , você sabe como é ...ele vai por ali procura ela e da um coice , ai ele vai procurar e ajeitar os animais que é bom demais! Não briga não faz nada, ai o camarada se vale do bicho bruto e pronto! (Josué, 63 anos).

Esta forma anônima, de sujeito oculto está dentro dos rumores sociais, no sentido de “ouvirmos falar” entendida pelo Roger como ‘afectos malditos’. Estes ocorrem lá no campo, no cantinho das cidades do interior, onde muitos se tornam realmente rumores sociais, até caso de polícia.

As experiências discutidas aqui têm a representação dessas práticas como ato prazeroso, que legitima seu lugar de homem e de prazer sexual, comparado ser ao ato com uma mulher: “Bom basta, dizem que é melhor do que a mulher. Ele disse eu não troco minha jumenta por minha mulher não! É bom demais!” (Sebastião, 67 anos); Com base em falas como essa, trabalharemos aqui com a memória coletiva, onde faremos aporte ao que diz Albuquerque Júnior (2006):

Penso ser tarefa do historiador, arejar a memória coletiva, tornar irrespirável, seu cheiro de morte e a sua condição de lugar comum. Não deixar às versões aceitas do passado se petrificarem, procurando a contigüidade anômala entre os eventos, estabelecendo entre eles a condição de novidades, a virgindade, a infâmia corroídas pelas versões clichê (p. 86).

Percebemos que nas memórias desses homens, os traços de suas experiências se misturam com os traços daqueles por eles narrados. As afetividades de homens com os animais, narradas por eles, se confundem com traços do presente em que está inserido. Conforme destaca Albuquerque Júnior (2006):

O nível involuntário da memória, os níveis perceptivos, afetivos imaginativos desta, são elementos que tornam a “memória individual” um tecido de diferenças internalizadas, embora esta faculdade em nível consciente opere através de associação e analogias entre acontecimentos passados e presentes, buscando estabelecer a semelhança, o contínuo, o mesmo (p. 201).

Verificamos que estes homens, através de suas táticas, criam e inventam uma maneira não autorizada de fazer sexo. São sujeitos que alteram e burlam os procedimentos que devem ser consumidos socialmente, praticando uma caça não autorizada. Veja o que diz João (68 anos): “Fui tirar leite na vaca logo cedo e vi um homem fazendo serviço com a ovelha”. Estas práticas de sexo com animais no cotidiano destes homens lá do campo, do interior das cidades, vão de encontro ao que já discutira Certeau (1994): O cotidiano se inventa com mil maneiras de caça não autorizadas (p. 38).

Em relação à construção identitária destes homens, podemos através dos seus discursos observar que elas são múltiplas, quando define o lugar de homem para justificar a prática da zoofilia como “cabra macho”, “homem que é homem não nega fogo”. E quando justificam a busca de animais para saciar sua sexualidade, culpabilizam as mulheres que lhes ‘negam fogo’. Nesse sentido, vai se valer sexualmente da burrinha castanha, preta ou branquinha. Percebemos aqui, através das falas dos nossos entrevistados, que eles definem o papel do homem ‘cabra macho’ em vários lugares sociais, onde estes são homens trabalhadores do campo ou não, pais de família, casado, solteiro, como coloca um deles “homens de toda qualidade”. Podemos assim verificar que suas identidades são múltiplas, indo de encontro à compreensão de identidade de Silva (2000):

A identidade tampouco é homogênea definitiva, acabada, idêntica, transcendental. Por outro lado, podemos dizer a identidade é uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo. A identidade é instável, contraditória, fragmentada, inconsciente, inacabada (p. 96).

Aqui, podemos demonstrar que a identidade masculina é culturalmente construída e que está subjetivada nesses homens como “cabra macho”. Essas construções identitárias foram construídas por diversos discursos e práticas discursivas, inclusive a própria idéia de que os homens devem ser rudes, duros agressivos, como Albuquerque Júnior.

Nas falas de nossos entrevistados fizemos esta constatação: “O homem briga com a mulher, aí não tem jeito! Ele com raiva dela! É homem! E procura o bicho bruto pra se aliviar” (Teotonio, 65 anos). Esta característica agressiva, marcada culturalmente na figura masculina no seu cotidiano, na casa, nos seus afetos no campo são representadas como natural.

3 CONCLUSÃO

Os nossos entrevistados demonstraram compreender a prática da zoofilia como uma prática sexual socialmente ilegítima, embora não a reprove. Eles experimentam e vivenciam um “lugar” culturalmente e socialmente construído, que foi circulado na sociedade como associado tanto ao pecado como a algo assombroso. Por outro lado, há uma ambigüidade na medida em que estas práticas são representadas como típica do “cabra macho”, tornando-se nestes homens um caráter identitário, que parece através de suas falas justificar as práticas de sexo com os animais. Sendo assim, verificamos que estes homens compreendem a sua sexualidade como um instinto do homem de forma que no seu dia-a-dia, no campo próximo às porteiras burlam as normas dominantes construídas por códigos sociais que legitimam a prática sexual heterossexual.

Nesta pesquisa tomamos conhecimento da construção de que tais homens têm sobre a sua identidade de homem e sexualmente falando onde deixam claro em seus discursos que ser homem na sociedade em que vivem, ‘não pode “negar fogo” nem que seja com uma burrinha castanha, branca ou pretinha’.

Assim, as identidades sexuais desses homens heterogenias, mesmo se definindo como homens heterossexuais eles praticam outras formas de práticas sexuais, especificamente a zoofilia, parecendo assim, legitimar sua identidade masculina, que é ser “cabra macho”, valente, viril, imponente e corajoso”.

Notas:

¹ Cf. por ex. a dissertação de mestrado de Oliveira Jr, Valdemar Mendes de. “Comportamento sexuais não convencionais e correlações com parâmetros de saúde física, mental e sexual em amostra em 7022 homens e mulheres das cinco regiões brasileiras”, apresentada à Faculdade de Medicina da USP - Universidade Federal de São Paulo para obtenção do título de mestre em Ciências, 2007/ Rogers, Paulo. Os afectos mal-ditos. O indizível das sexualidades camponesas. Dissertação de mestrado apresentada para obtenção do título de mestre em antropologia na UNB- Universidade de Brasília, 2006.

Bibliografia

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **História: a arte de inventar o passado.** Ensaio de Teoria da História. Baurú-SP: Edusc, 2007.

_____. (Nov. 1999). **Quem é frouxo não se mete.** Violência e masculinidade como elementos constitutivos da imagem do nordestino. Projeto História. São Paulo, n.19, PP. 173-188.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1 artes de fazer.** Tradução de Epharaim Ferreira Alves. Petrópolis-RJ: Vozes, 1994.

FOUCAULT, Michel de. **História da sexualidade I: a vontade de saber.** Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guillon Albuquerque Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

OLIVEIRA Jr. Valdemar Mendes de. “**Comportamento sexuais não convencionais e correlações com parâmetros de saúde física, mental e sexual em amostra em 7022 homens e mulheres das cinco regiões brasileiras**”, apresentada à Faculdade de Medicina da USP -Universidade Federal de São Paulo para obtenção do título de mestre em Ciências, 2007.

ROGERS, Paulo. **Os afectos mal-ditos.** O indizível das sexualidades camponesas. Dissertação de mestrado apresentada para obtenção do título de mestre em antropologia na UNB- Universidade de Brasília, 2006.

SILVA, Sérgio Gomes da. **Masculinidade na História:** a construção cultural da diferença entre sexos. Centro de Educação-UFPB, 2000.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença:** a perspectiva dos estudos culturais. Tomaz Tadeu da Silva (org.), Stuart Mall, Kathryn Woodward. Petrópolis-RJ: Vozes, 2000.